O DISCURSO SOBRE O POLÍTICO NAS CHARGES: QUE IDENTIDADES SÃO REPRESENTADAS?

Luciana Fernandes Nery[1]
UFCG

A relação palavra/imagem apresentada nas charges, bem como em outros textos midiáticos vem se constituindo num importante recurso para trabalhar questões relativas à leitura e à escrita, visto que a linguagem verbal e visual empregada costuma ser atraente aos olhos do leitor e transmite múltiplas informações de uma só vez. Neste contexto, este artigo tem como objetivo analisar o discurso político nesse gênero e observar como as identidades dos sujeitos são representadas a partir das interações discursivas.

Palavras-chave: Charges. Discurso. Identidades

Abstract

The relation between word/image presented in charges as well as in other media texts is becoming an important resource to work questions in relation to reading and writing in view of verbal and non-verbal languages used are usually attractive for reader view and transmits multiple informations at once. In this context, this article has as objective analizing the political discourse in this genre and observing how the subjects identities are represented from discoursive interactions.

Key-words: Charges. Discourse. Identities

Introdução

A charge é um gênero textual que circula diariamente na sociedade. No entanto, não costuma comumente ser trabalhada na escola. É um texto que lida com o repertório disponível nas práticas sociais, ligando-se ao modo como um determinado grupo vê o outro. Esse gênero tem a função de convencer, influenciar o outro de acordo com uma determinada ideologia, a fim de torná-los mais conscientes da realidade. Trata-se de um texto atraente aos olhos do leitor, pois a linguagem verbal e visual nela empregada é de rápida leitura e transmite múltiplas informações de uma só vez. No entanto, para compreender

[1] Aluna do programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande).

o seu sentido o leitor precisa possuir um conhecimento de mundo acerca do tema abordado, para que possa captar seu teor crítico.

Afinal de contas, trata-se de um gênero temporal, focalizando e sintetizando um certo contexto histórico-social, portanto somente os que o conhece efetivamente conseguirão compreender os conteúdos veiculados. Desse modo, é preciso está atento ao momento que se deu o acontecimento para compreender o sentido.

Baseado, sobretudo, no humor, as charges apresentam por trás de um discurso aparentemente inofensivo e irreverente o cotidiano da vida social, questionando nossos valores, crenças e fazendo com que o leitor se questione em relação ao que é e ao que poderá se tornar. É a partir da imagem do outro, que vamos construindo a imagem que temos do mundo e de nossos mesmos. Assim sendo, o discurso passará a ser entendido como uma ação que transmite toda uma ideologia e é a partir dele que as identidades são representadas.

Por circularem diariamente no meio social e apresentarem um jogo de vozes de forma dialógica, as charges podem torna-se um lugar decisivo no processo de construção de identidades. Essa multiplicidade de vozes são contrastantes e provocadoras do riso. O autor informa e também opina sobre um determinado fato, parafraseando ou parodiando por meio da representação de um mundo, satirizado pela própria inversão de valores sociais. Através da apropriação da realidade representada nesse gênero, o leitor constrói uma visão, ainda que parcial do meio ao qual está inserido.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivos analisar o discurso político em charges produzidas por Lila, publicadas no Jornal da Paraíba e observar como as identidades dos sujeitos são representadas nesse gênero a partir das interações discursivas. Ainda buscaremos identificar o que está por trás dos discursos apresentados neste gênero e caracterizar os sujeitos que estão sendo representados. O presente trabalho justifica-se pelo fato de poder analisar o gênero charge, contribuindo assim para que os leitores possam observar o que está por trás dos discursos que estão sendo materializados linguisticamente, auxiliando-os na construção de uma visão mais crítica diante dos textos que circulam na nossa sociedade.

O corpus da pesquisa é constituído de charges publicadas durante os meses de Março a Junho de 2009. Para efetuarmos a análise escolhemos as charges que retratavam especificamente fatores políticos, visto que este é um aspecto que está sempre sendo retratado nesse gênero. Desenvolvemos este estudo a partir de leituras tendo como base a Análise do Discurso de linha francesa, com ênfase nas implicações da construção de identidades, mediante as teorias de Pêcheux (1997) Foucault(1969), Bakhtin(1992), Orlandi(2008), Fernandes(2007), Hall(2006) e Bauman(2005). Estes autores serviram-nos para que pudéssemos compreender aspectos relevantes no que concerne a AD, como o que é discurso, quais as concepções de sujeito e como as identidades são construídas, reconstruídas e/ou transformadas.

A análise do discurso: Um percurso histórico

A análise do discurso surge nos anos 60, na França, a partir da publicação de *Análise Automática do discurso* de Michel Pêcheux. Trata-se de uma disciplina de caráter transdiciplinar que surgiu do entrecruzamento entre o materialismo histórico, da Lingüística e da teoria do discurso. Gregolin (2003) diz que esses campos disciplinares são atravessados por a teoria subjetiva da Psicanálise, trazendo o inconsciente para o interior das reflexões.

Através do Materialismo Histórico, sobretudo com as idéias de Althusser, perceberemos que o discurso é materializado. Apoiado em Marx, Althusser (1974) apresenta os Aparelhos Ideológicos do Estado (a igreja, a nação, o judiciário, a escola, a mídia, etc). De acordo com o autor, cada uma dessas instituições possui uma ideologia diferente que serve para nos moldar, estabelecendo o que podemos ou não fazer. Não podemos fugir dos AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado) nem da ideologia que eles passam. Não conseguimos analisar o discurso fora dessas instituições porque é nelas que ele está amplamente marcado.

Com essa corrente, compreenderemos que é na e pela história que observamos as condições de produção do discurso, isto é, o porquê de um enunciado aparecer em determinado momento e lugar e não em outro.

Segundo Fernandes (2007, p.69), "a Lingüística será tomada como a teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação". Será esta ciência que fornecerá a validação dos conceitos e procedimentos da AD, pois são os elementos lingüísticos que possibilitam a materialização dos discursos.

Através da teoria do discurso, passaremos a observar as condições de produção dos discursos. Isso implica dizer que é preciso considerar o contexto histórico-social em que são produzidos, a ideologia e os fatores que contribuíram para a sua formulação.

Da Psicanálise, por meio da releitura lacaniana de Freud com a idéia simbólica do discurso perceberemos que o inconsciente é estruturado por uma linguagem. Isso implica dizer que nem sempre dizemos aquilo que queremos. O nosso inconsciente é quem controla as nossas ações.

É a partir do cruzamento entre estes campos disciplinares que nasce a AD, se constituindo essencialmente como uma prática de leitura. Essa teoria metodológica, apesar de ter como um dos percussores Michel Pêcheux, teria surgido também a partir das inquietações de Althusser e Régine Robin sobre o ato de ler. (Possenti, 2001)

A Análise do Discurso surge em meio a rupturas e deslocamentos, por isso os conceitos inicialmente propostos por Pêcheux vão ser elaborados e reelaborados. Assim sendo, as noções de sujeito e discurso vão sofrer várias mutações na constituição da AD.

Num primeiro momento, o sujeito é concebido como sendo assujeitado aos AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado) e tem a ilusão de ser a fonte do seu discurso, que por sua vez apresenta-se como homogêneo e fechado. Aos poucos, o sujeito passa a ser essencialmente descentrado, que se define agora como sendo a relação entre o "eu" e o "outro". Para compreendermos a noção de sujeito na AD, na atualidade, é preciso nos reportarmos aos conceitos apresentados por Hall(1995). O autor cita três tipos de sujeito: o do iluminismo (centralizado, cartesiano, não sofre modificações); o sujeito sociológico (é formado e modificado, continuamente, em dialogo com a cultura e com as identidades presentes nela) e o sujeito pós-moderno (heterogêneo, complexo, ausente de identidade fixa). O sujeito para a AD é o pós-moderno, que não é fonte do que diz, muito menos tem uma identidade estável. Diante disso, Brandão (1993, p.43) diz que:

> Na perspectiva da Análise do discurso, a noção de sujeito deixa de ser uma noção idealista, imanente; o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas como tal como existe socialmente, interpelado pela ideologia. Dessa forma, o sujeito não é a origem, a fonte absoluta do sentido, por que na sua fala outras falas se dizem.

Nesse contexto, percebe-se que o discurso não se constitui em algo novo, o que é dito em algum momento já foi proferido. O sujeito não é fonte do que diz, ele apenas retoma discursos preexistentes. O novo se constituirá nas condições em que esse discurso é dito, que não serão as mesmas.

De acordo com Fernandes (2007) para analisar o discurso é preciso considerar o sujeito falando. Diante disso, é preciso observar a produção de sentidos como parte integrante desse processo, uma vez que um mesmo discurso pode ter diferentes sentidos, dependendo do lugar em que é produzido, da ideologia ao qual o sujeito que o pronunciou está filiado e das condições em que se deu a sua produção.

Segundo o mesmo autor (p.36):

> O sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição que se negam e se contradizem. Ao considerarmos um sujeito discursivo, a cerca de um mesmo tema, encontramos em sua voz diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos. A presença dessas diferentes vozes integrantes da voz de um sujeito, na Análise do Discurso denomina-se de Polifonia.

De acordo com essa afirmação deste autor, podemos dizer que o sujeito discursivo é constituído na interação social, ele não é o centro do seu dizer, em sua voz, um conjunto de outras vozes se manifestam. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos.

A identidade em questão

A todo momento somos condicionados por aquilo que somos e o que acreditamos. Isso quer dizer que os indivíduos constroem os seus significados a partir da interação por meio da linguagem. É através desse processo de construção de significados que as pessoas tomam consciência de quem são e constroem as suas identidades. Trata-se de uma atividade que está sempre se modificando, uma vez que a sociedade está em constante mudança, consequentemente mudamos a nossa forma de pensar e agir.

A respeito disso, Murray (1989) apud Moita Lopes (2002, p.34) diz que:

> A construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si mesmos e aos outros engajados no discurso.

Hall (2006, p.38-39) ainda diz que:

> A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através dos processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (...) Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo" sempre sendo formada. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso mundo exterior, pelas formas através dos quais nós imaginamos ser vistos pelos outros (...).

Diante dessas afirmações dos autores, podemos perceber que a nossa identidade está sempre sendo construída, além do mais também somos produzidos de acordo com aquilo que pensam sobre nós. Em relação a isso Johtnston (1973) apud Moita Lopes (op.cit, p.35) diz que "a identidade é o que você pode dizer que é de acordo com o que dizem que você é". Nós somos

produzidos por outros seres, portanto a nossa identidade não é uma construção individual, mas sim social, produzida de acordo com os interesses da classe dominante. Nem sempre agimos e pensamos da forma que queremos, mas porque uma força nos leva a isso.

Sobre esta questão Silveirinha (2001, p.4) diz que:

> A identidade oscila constantemente entre aquilo que nos torna idênticos a nós próprios e aos outros e aquilo que, ao mesmo tempo, nos torna indivíduos únicos. A identidade é construída neste duplo movimento de assimilação e diferenciação, de identificação conosco e com os outros e de distinção de nós e dos outros.

Com isso, podemos perceber que o sujeito possui uma identidade fragmentada, possui não uma, mas várias identidades em diferentes momentos da sua vida. Até mesmo dentro de nós mesmos apresentamos identidades que, muitas vezes, tornam-se contraditórias ou mal resolvidas. Na medida em que vamos vivenciando novas situações, outras identidades vão surgindo. Por esta questão é que Silva (2006, p.13) afirma que "a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia". Assim sendo, a nossa identidade não é fixa, permanente, ela é transformada continuamente.

As identidades sociais não podem ser construídas fora do discurso, elas não estão intrínsecas aos indivíduos, mas surgem a partir da interação entre eles. É assim que as pessoas se tornam participantes nos processos de construção dos significados na sociedade. É por isso que precisamos compreender o discurso como sendo produzido em locais históricos e institucionais específicos.

A percepção do discurso como construção social coloca as pessoas como participantes nos processos de construção do significado na sociedade e, portanto, inclui a possibilidade de permitir posições de resistência em relação a discursos hegemônicos, isto é, o poder não é tomado como monolítico e as identidades sociais não são fixas. (MOITA LOPES, 2002, p.55)

Quando nos engajamos no discurso, estamos ao mesmo tempo considerando o discurso do outro e reconstruindo a nossa identidade. Visto assim, podemos afirmar que desempenhamos múltiplas identidades, pois estamos sempre em contato com diferentes interlocutores, ora assumimos a identidade de professor, ora de aluno, confidente e assim sucessivamente. As pessoas não podem ser definidas apenas pela a sua cor, sexo, idade, visto que somos seres altamente complexos e heterogêneos.

A questão da identidade não está relacionada apenas ao que somos ou de onde viemos, mas, sobretudo, ao que nos tornamos. Como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos

representar a nós mesmos. Os sujeitos modernos precisam ser vistos não como iguais, mas sim como diferentes, visto que a sociedade moderna é marcada pela diferença e é nessas diferenças ou por meio delas que construímos nossas identidades.

Diante desses questionamentos, Silva (2007, p.112) enfatiza que:

> As identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora sabendo que são representações, e que a representação é sempre construída ao longo de uma falta, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca ser ajustadas, idênticas, aos processos de sujeito que são nelas investidos.

Essa afirmação de que somos construídos a partir da relação com o Outro tem levado o sujeito pós-moderno a se policiar, como se estivesse a todo momento diante de um espelho.

Diante disso, Bauman (2005, p.16-17) diz que:

> As pessoas em busca da identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa legitimadora de "alcançar o impossível": essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no "tempo real", mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo, na infinitude(...)

Baseado no que Bauman diz, podemos afirmar que paralelamente aos papéis sociais que exercemos e que determinam também as nossas identidades estão os estereótipos sociais que interferem diretamente nas ações as quais praticamos. Através deles, somos submetidos a determinados grupos que possuem ideologias diferentes das nossas e que inevitavelmente acabam nos influenciando. Além do mais, esses estereótipos estão vinculados à estrutura dominante e ao poder convencionado pela estrutura social ao qual pertencemos e acabam sendo os responsáveis pelo o preconceito e pela discriminação. O preconceito racial só existe porque o branco é um estereótipo na sociedade, é em razão desses seres que já estão consagrados que estamos o tempo todo julgando e sendo julgados pela visão dos outros.

Somos ainda diretamente afetados pelas transformações que ocorre na sociedade. É por esta questão que as nossas identidades estão sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas. Essas transformações têm influenciado na descentralização do sujeito e, consequentemente, provocado uma "crise de identidade", pondo em xeque a idéia que temos de nós mesmos.

Hall (2006, p.7) afirma que:

A chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Fala-se em crise de identidade do homem pós-moderno por não haver mais um identidade unificada e estável. A identidade de um sujeito se faz a cada dia, pois ele está diante de tecnologias que o faz conhecer o mundo e é impossível não ser influenciadas por elas. Dessa forma, o homem não possui mais uma identidade local, mas integra a ela outras diferentes.

A partir da modernidade, a identidade passa a ser encarada como algo sujeito a mudanças e inovações. Num mundo dominado por um enorme repertório global e cultural, novas identidades estão constantemente construídas e reconstruídas. As nossas identidades nunca estão completas, são articuladas entre o passado, o presente e o futuro, em permanente construção.

O gênero charge

A charge é um gênero textual que caracteriza-se por ser um texto visual, humorístico e opinativo, que critica um personagem ou um fato especifico. O termo "charge" é proveniente do francês e significa exagerar, carregar. Não se consegue determinar ao certo qual foi a sua origem, mas se acredita que teria surgido na França e a sua criação seria atribuída a Honoré Daunier, que por meio de desenhos publicados no jornal *La Caricature,* buscava criticar o governo da época, talvez por isso o foco dos conteúdos chargísticos seja a política, apesar de também outros fatos serem representados.

No Brasil, as charges surgiram da fusão entre a caricatura com a sátira, por volta do final do século XVII ao inicio do século XIX. Inicialmente foi ganhando espaço nos jornais e, aos poucos se tornou matéria. Hoje, está presente diariamente e aparece relacionada às outras sessões do próprio jornal.

Frequentemente, o foco nas charges é a política, ou melhor, a sátira política, isso se deve ao fato de ter surgido com o fim especifico de criticar e zombar de fatos ou situações reais. Aos poucos, a charge foi ganhando uma dimensão bem maior e hoje pode-se perceber que há uma critica a todas as modalidades da sociedade. Com o advento da internet, este gênero ganhou mais força e movimento.

Machado e Souza (2005, p.61) reportando-se a este gênero dizem que:

> A charge pode ser definida como um texto visual, isso porque grande parte do efeito do sentido (quando não todo o sentido)

> se efetua por intermédio do desenho (da imagem produzida). Enfim, a produção de sentido nesse tipo de gênero possui relação direta com a realidade, e está amplamente ancorada no todo da imagem apresentada. O desenho, além de ser manifestação da arte, é também unidade portadora de sentido, sentido este que o locutor prefere revelar por meio do humor.

Diante dessa colocação, podemos dizer que as charges constituem-se num gênero que utiliza o humor para representar pessoas e situações através das imagens, apoiando-se, muitas vezes, num texto verbal. As linguagens verbais e não–verbais se articulam harmonicamente na produção de sentidos, mas vale salientar que nem sempre os sentidos estão expressos explicitamente nesse gênero. Muitas vezes, é construído justamente no que ficou por dizer. Em relação a isso, Lucena (2000, p.45) diz que "é no dito humorístico que se esconde o não-dito. E é neste silenciar que o sentido se constitui e se movimenta".

Nesse contexto, percebe-se que o conteúdo veiculado na charge expressa uma relação entre o que o enunciado diz e aquilo que ficou por dizer, por isso para a sua compreensão é de suma importância que o leitor possua um certo conhecimento de mundo, pois o mesmo precisará fazer inferências para entender a opinião ou a crítica representada neste gênero. De acordo com Pagliosa (2005, p.85), "as charges pressupõem um leitor informado e letrado". A autora ainda acrescenta que:

> A charge constitui um gênero textual que pode ser considerado de extrema riqueza quanto ao numero de vozes que nele intervêm e a ampla variedade de relações intertextuais que ele pode chegar a estabelecer com outros textos. Tais características fazem do texto chargístico um gênero textual especialmente apropriado para o exercício da leitura e desenvolvimento da capacidade de inferenciação, ao mesmo tempo que se constitui em um importante estimulo e empolgante desafio: o de ampliar o conhecimento de mundo visando ao aprimoramento da compreensão leitora(PAGLIOSA, 2005, p.86)

A representação de identidades nas charges

As charges a seguir demonstram a realidade política brasileira. Apesar desse gênero ser temporal , muitas vezes, percebe-se que mesmo com o passar dos tempos a sua leitura pode ser compreendida, visto que a situação no Brasil em relação ao discurso político não tem sofrido muitas mudanças, isso reflete justamente o perfil desse segmento no meio social, pois mesmo diante de tantas

transformações a impunidade ainda permanece constante, representando assim uma descrença do povo brasileiro.

Partindo desses princípios, resolvemos observar o discurso político nas charges e como as identidades são representadas nesse gênero. Nesta análise, utilizamos 3(três) charges publicadas no Jornal da Paraíba.

Vejamos a charge 01:



A charge acima foi publicada no dia 05 de Maio de 2009. Mesmo sendo bastante recente, percebe-se num primeiro momento que representa uma situação corriqueira na nossa sociedade, pois o discurso apresentado não representa algo novo, visto que a imagem que se tem de um político já é bastante comum entre nós.

O humor presente no texto encontra-se no discurso de uma moradora de rua que quando indagada pelo filho sobre o que é preciso para ser um "verdadeiro político", a mesma responde que basta "mentir convincentemente para conquistar os votos, depois de ganhar as eleições, aprender a se esconder do povo". Temos aqui a representação de uma identidade de uma pessoa que apesar de pertencer a uma classe humilde, tem consciência do que os políticos fazem e não se deixa enganar facilmente. Diante disso, percebemos que não exercemos apenas uma, mas várias identidades e muitas vezes essas identidades são contrastantes. Segundo Moita Lopes (2002) a nossa identidade não é fixa, está sempre em processo de construção. É na relação com o outro que elas se constroem.

Portanto, podemos perceber que a ironia do texto se concentra justamente na oposição entre as identidades que estão sendo representadas, pois se de um lado temos uma pessoa pobre, sem perspectiva de vida, de outro

temos uma cidadã consciente, inconformada e informada sobre o que os políticos fazem depois de conseguir o voto do povo. Percebe-se ainda que o discurso apresentado pela moradora de rua não é neutro, pois pode-se notar a presença de várias vozes, uma vez que este é o pensamento apresentado por milhares de brasileiros.

Outro aspecto interessante a se observar é o discurso do menino que demonstra interesse em saber o que é preciso para ser "um verdadeiro político". Por trás desse discurso aparentemente inofensivo, temos o desejo de ter uma vida promissora, sem fazer muito sacrifício, nem se esforçar para isso.

Diante dos discursos apresentados, nota-se que todo discurso transmite uma ideologia e é justamente isso que contribui para a formação ou transformação das nossas identidades. Sobre esta questão, Silva (2007, p. 109) diz que:

> É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior das formações discursivas específicas.

Com base nessa afirmação deste autor, são as formações discursivas que determinam a nossa identidade, uma vez que são as instituições aos quais pertencemos que dizem o que podemos ou não fazer. Assim sendo, não construímos nossas identidades, ela será o resultado daquilo que somos, do que acreditamos e do que nos tornamos.

Vejamos a charge 02:



Esta charge foi publicada no dia 22 de Junho de 2009, momento em

no cenário político José Sarney está sendo acusado pelo o envolvimento nos "atos secretos". Para compreender a crítica que está sendo feita, é preciso que o leitor esteja informado sobre o que está acontecendo no cenário nacional.

Temos no texto, a presença de três identidades que demarcam a situação política no país. Primeiro aparece o presidente Lula, autoridade superior que sobe no palanque em defesa de José Sarney, este por sua vez está numa situação de submissão fazendo elogios ao presidente porque sabe que somente ele pode anteceder ao seu favor. Por outro lado, temos um trabalhador comum, que não demonstra interesse pelo discurso que está sendo pronunciado.

Outro dado a observar na charge é que o presidente Lula e Sarney aparece de costas, enfatizando assim que o interesse deles é apenas a sua defesa perante a população, que no texto aparece representada apenas por traçados, é como se os mesmos não tivesse existência, nem consciência dos atos políticos. Ainda se pode observar que o discurso apresentado por Sarney, quando ele diz que "Lula é o cara" nos remete a popularidade do presidente na atualidade.

O humor da charge se concentra no trabalhador que ao dizer que o presidente é um cara "de pau" demonstra ser uma pessoa consciente, informada e que não se deixa enganar pelas falsas promessas. Pode ser perceber que enquanto o restante da população está parada escutando o que Lula tem para dizer, ele continua o seu percurso, como se estivesse dizendo eu tenho mais o que fazer, não me iludo mais não.

O discurso apresentado pelo trabalhador além de representar várias vozes, é carregado de ideologia que demarcam a sua identidade.
Vejamos a charge 03:



A charge acima foi publicada no dia 29 de Maio de 2009 e apresenta dois discursos: o discurso sobre o menor infrator e o discurso sobre os

políticos. Neste texto, podemos notar que várias identidades estão sendo representadas.

Primeiro, temos o delegado: superior, que mantêm a ordem, autoridade, arrogante. Depois, temos o menor infrator: criança pobre, morador de rua e que comete um delito atrás do outro. Temos ainda a mãe do infrator: moradora de rua, humilde, responsável pelo filho e informada. Por trás do discurso apresentado pela mãe temos ainda a representação de outra identidade, a do político: ladrão, corrupto, influenciador e que não sofre impunidade. É nessa figura que se concentra o humor da charge, pois a intenção do chargista é justamente criticar o político.

Através da ação cometida pelo menor infrator e da justificativa apresentada pela mãe na sua defesa, percebemos como somos influenciados pelos os que estão ao nosso redor. Dessa forma, constatamos que não construímos nossas identidades sozinhos, pois estamos sempre rodeando de pessoas que influenciam nossas crenças, valores e ideologias.

Os sujeitos que aparecem no texto se constituem como estereótipos sociais, uma vez que a imagens passadas em relação a estes perfis na sociedade são sempre as mesmas, com exceção apenas a mãe do infrator, visto que, na maioria das vezes, não esperamos que as pessoas da classe pobre sejam conscientes sobre o que acontece na sociedade. Estes estereótipos sociais trazem uma concepção cristalizada socialmente a respeito dos indivíduos e acabam gerando uma visão preconceituosa e discriminatória. Bauman (2004) diz que esses estereótipos são criados na sociedade e interferem diretamente na forma como somos vistos e nas ações que praticamos, pois através delas é que somos incorporados a determinados grupos e vamos compondo a nossa identidade.

Considerações finais

Tendo em vista as análises realizadas nesta pesquisa, podemos concluir que nos textos midiáticos circulam vários discursos que exercem grande influência na construção de identidades, pois o que somos acabam sendo influenciado pelos significados que são construídos ao nosso redor.

Outro fato constatado na nossa pesquisa é que as charges apresentam, pelo viés do humor, discursos aparentemente inofensivos, mas que revelam uma crítica aos valores, crenças e ideologias da sociedade. Por isso, para compreender este gênero é preciso que o leitor esteja informado sobre o que está acontecendo na atualidade, uma vez que exigirá do mesmo a inferenciação, estratégia de leitura que só será possível se possuir conhecimentos prévios em relação ao tema abordado.

Ainda pode-se notar que as identidades representadas nesse gênero servem para demarcar os estereótipos sociais, revelando-se como uma visão preconceituosa e discriminatória dos papéis que acabamos assumindo.

Diante do exposto, constata-se que a charge se constitui num gênero de extrema riqueza de ser explorado, uma vez que além de ser um texto humorístico e agradar aos leitores, apresenta uma multiplicidade de informações que nos fazem remeter a outros textos para a sua compreensão.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Tradução J. J. Moura Ramos. Lisboa, Martins Fontes, 1970.

BRANDÃO, Maria Helena. **Introdução a análise do discurso.** 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp,1993.

FERNANDES, Cleudimar Alves. **Análise do Discurso**: Reflexões Introdutórias. 2ª ed. São Carlos: Clara Luz, 2007.

FOCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**, Tradução: L.F. Baeta Neves, Petrópolis: Vozes, 1969.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves e SANTOS, João Bosco Cabral dos. **Teorias Lingüísticas**: Problemáticas Contemporâneas. Uberlânia: EDUFU, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro, RJ: DP& A, 2006.

LILA. Jornal da Paraíba. Campina Grande, 05 de Maio de 2009.

_____. Jornal da Paraíba. Campina Grande, 22 de Junho de 2009.

_____. Jornal da Paraíba. Campina Grande, 29 de Maio de 2009.

LUCENA, Ivone. O processo discursivo da charge/humor. In: **Conceitos**: Revista da ADUFPB. João Pessoa: UFPB, 2000, P.43-48.

MENDONÇA, Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Ângela Paiva e BEZERRA, M. A. e MACHADO, Ana Raquel (orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p.194 -207.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Identidades fragmentadas**: a construção da raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PAGLIOSA, Elcemira Lúcia Balvedi. **Humor: um estudo sociolingüístico cognitivo da charge.** Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2005.

POSSENTI, Sírio. Sobre leitura: o que diz a análise do discurso. In: MARILDES, Marinho(org.). **Ler e navegar**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p.19-30.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso**. Campinas: EDUNICAMP, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SILVEIRINHA, Maria João. **A conformação das identidades nas democracias liberais**. Disponível em: www.ubi.pt/site_sociedade. Acesso em 20 de abril, 2008.

SOUZA, M.I.P. de Oliveira e MACHADO, Rosimere Baltazar. O verbal e o não-verbal na produção de efeitos de sentidos no gênero charge. In: CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes e NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). **Gêneros Textuais**: teoria e prática II. Palmas e União da Vitória, PR: Kayangue, 2005, p.59-71.

Leia Escola, Campina Grande, vol. 7, nº 1, 2007 – ISSN 1518-7144